

comum entre os nossos historiadores de duvidoso gôsto literário, alcançando na maioria dêstes capítulos, admirável equilíbrio, o que se realça entre autores tão diversos.

JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA

* *
*

WORCESTER (Donald E.) e SCHAEFFER (Wendell G.). — **The Growth and Culture of Latin America**, New York, Oxford University Press, 1956.

Não é de hoje o interêsse dos historiadores dos Estados Unidos pelos "latinos" instalados à sua porta, ao sul do Rio Grande. A vizinhança acarretava contactos que despertariam, naturalmente, o dêsejo de conhecer melhor e através de sua história, êsses povos inquietos que as vicissitudes históricas colocaram nas cercanias. A curiosidade pelo exótico, as relações comerciais, razões de segurança, foram fatores apreciáveis a nortear êsses estudos. Se na época da historiografia romântica o exotismo, e particularmente o sentido dramático da conquista espanhola atraíram os historiadores americanos, em especial Prescottt, recentemente, principalmente a partir da 2a. Guerra Mundial, as razões de segurança parecem orientar as investigações a respeito da América Latina, tomando-se a palavra segurança no seu sentido mais amplo de defesa de um contexto cultural, de um conjunto de valores. Procura-se, no estudo do passado, discernir os rumos que tomarão, no futuro, as repúblicas Latino-Americanas e verificar até que ponto poderão os Estados Unidos contar com elas em sua política, seja no hemisfério, seja na cena mundial.

Em sua tarefa, os historiadores americanos, honrando a classe, têm, em geral, demonstrado, dentro de sua objetividade, bastante compreensão e simpatia, procurando superar certos preconceitos relativos a seus turbulentos vizinhos. Alguns, como Diffie e Schurz, para citar apenas dois, não escondem mesmo seu fascínio pela "Civiltização Latino-Americana".

Paralelamente às História Gerais, às monografias, aos estudos interpretativos, tem surgido inúmeros compêndios para uso de estudantes. Entre os recém-publicados é digno de destaque o manual organizado por Worcester e Schaeffer, sob o título de **Growth and Culture of Latin America**, nos períodos colonial e independente, até nossos dias. Ao procurar uma solução para a dificuldade de apresentar em um só volume mais de quatro séculos e meio de história, os autores decidiram concentrar seus esforços em mostrar antes as forças fundamentais que presidiram à evolução histórica do que se preocupar com pormenores a respeito dos fatos. O que, entretanto, não os impediu de apresentar os fatos essenciais à compreensão dessa evolução.

Outro aspecto digno de nota é o de oferecer-nos, embora conscientes das lacunas quanto às informações existentes, uma visão do século XVII e salientar a importância desse período, em geral tão negligenciado, mas que ultimamente está começando a despertar a atenção dos historiadores. De acordo com essa orientação Worcester e Schaeffer caracterizam o século XVI como sendo a época da “gênese do Império”, o XVII sua “consolidação” e o XVIII, sua “maturidade”.

No período independente esforçam-se por apresentar as tendências e os problemas comuns às jovens repúblicas, evitando assim historiar cada país separadamente e realmente conseguem nos dar um panorama geral desse desenvolvimento nacional e das forças que, com uma certa uniformidade, respeitando as diversidades regionais, atuaram sobre ele.

Tendo em vista a falta de bons compêndios em língua portuguesa tratando da história da América Hispânica, seria desejável que alguma editora tivesse a feliz idéia de traduzir para a nossa língua tão útil e tão estimulante obra.

NICIA VILLELA LUZ

*
*

LYNCH (John). — Spanish Colonial Administration, 1782-1810. The Intendant System in the Viceroyalty of the Rio de la Plata, University of London, The Athlone Press, 1958, xii, 335 págs.

Época de dogmatismos em que se anseia por uma certeza sobre a qual pautar uma linha de ação, é natural que, nos tempos presentes, se veja a História um tanto desprestigiada. Incapaz de fornecer a palavra de ordem tão esperada, pode, quando muito, oferecer perspectivas para o futuro. Impressionados por essas tendências, em alguns setores, particularmente nas Américas, certos historiadores não deixam de revelar sua inquietação e expressar suas dúvidas quanto à validade de sua disciplina, procurando para a História novos rumos, mesmo com o risco de trai-la, de deturpá-la no que possui de essencial, de intrínseco e até de negá-la, transpondo-a para um plano que absolutamente não é o seu, que lhe é mesmo antagônico. E' animador, portanto, verificar que os ingleses continuam a dar o exemplo de uma historiografia conscienciosa, a procura da verdade do passado, embora a esfinge, no dizer de Gooch, persista em nos sorrir e manter zelosamente o seu segredo.

Nesta linha e nesta tradição inscreve-se, modestamente, John Lynch ao tratar da criação do vice-reinado do Prata e da instalação do regime da intendência na nova circunscrição administrativa. Depois de nos dar, em três capítulos iniciais, uma visão da nova orientação de Carlos III para os negócios coloniais, das condições das diversas províncias do Prata e da origem do sistema de intendências, aborda o Dr. Lynch, baseado em documentos inéditos do Arquivo